

ADRIANO B. ESPÍNDOLA SANTOS

o ano em que tudo começou

Editora Penalux, 2020

BOM REMANSO

Despertar do cochilo com o cheiro de queimado é mal presságio. Levantei-me zozzo, ainda recobrando os sentidos, puxando os panos da cama para me cobrir – como se isso pudesse me salvar; pelo contrário, me colocaria em foco, elemento crucial para um verdadeiro incêndio.

Aquebrantado, ainda por cima me notei leso, algo que me deixava bastante aborrecido; devia lutar contra essa pecha que me perseguia, agora com mais afinco, porque não era um mocinho e, mais cedo ou mais tarde, poderia me abocanhar o tal do alemão: o Alzheimer, o mesmo que pegou de jeito minha mãe.

Joguei água, apaguei o fogo e desci as escadas correndo. O leitor pode se perguntar: deixou alguma coisa no fogão? Sim, muito provável, se há dias havia esquecido uma chaleira com água – menos mal que era água; de tão lerdo que fui, a água do chá evaporou e o cabo de plástico ficou derretido. E, óbvio, me penitenciava por isso.

Na verdade, me penitenciava por tantos fatos, pela desordem, pela falta de sorte; mas, sobretudo, pela capacidade surreal de me desviar dos objetivos. Nilce, cansada de atender

às minhas urgências, e ocupada demais com o trabalho e com os dois meninos, me passou um monumental cagaço por telefone. A sua voz vinha como um raio e dilacerava todas as minhas porções celulares – talvez consiga aproximar a descrição a bisturis e incisões agudas; ela queria, supostamente, mudar algum código genético torto em mim.

Nilce largava as bordoadas costumeiras: que não estaria mais autorizado a brincar de viver; que não era um rapaziinho que procura distrações; deveria, definitivamente, me encaixar numa profissão digna, estável. Dá para perceber: entronizava-se na figura de mãe – ou mais dura que isso.

Saímos da ligação abafados, fatigados. Ela, porque tentava, nessa tarefa amarga de ser a dona da verdade, me dissuadir de uma conjecturada vida “aérea”. Eu, porque, não sabendo onde enfiar as minhas vogais, recebi as ditas lições sem condições de compartimentá-las, ou de colocar nos seus devidos lugares – não reunia forças para dispô-las ou expurgá-las, como tem de ser.

O leitor pode questionar a minha ligação com Nilce; querer tomar as minhas dores: “Que essa sujeitinha está pensando da vida para largar esses impropérios ao João?”. Calma, querido leitor, conheço-a há tempos, desde que éramos pequeninos seres ranhosos a escapar pelos misteriosos canais secos da cidadezinha de interior chamada Bom Remanso. Como havia poucos moleques de nossa idade, e a maioria ficava na lida ajudando os pais, passávamos praticamente os dias colados. Chegaram a cogitar que éramos

namoradinhos. Deus do céu, onde já se viu? Camaradagem infantil, pura e simples.

Dona Eleutéria, minha mãe, matutava em entender o enigma de nos aturarmos: “Vocês são água e óleo, nunca vi... Dá fé, pouco mais estão se engalfinhando; depois, voltam como se não tivesse acontecido nada. Se fosse o João, teu pai, já tinha botado para correr!”. Fato é que o velho João sumiu do mapa por conta própria, sem dar sinais da partida; e nos partiu a todos.

Nesse tópico, mamãe falava da nossa afoita relação. Declarava, com a voz cansada de lutar: “Vocês passam mais tempo brigando que brincando” – e mandava cada um para o seu canto, para, pouco mais, voltarmos a nos falar, ou preparar alguma artimanha.

Do lado de lá da rua, dona Creuza, mais intransigente, proibira Nilce de ter contato comigo; que eu era um bobalhão, “um sem futuro”. Outras vezes, falava abertamente que seria um aproveitador, que ia à sua casa para comer, para “agarrar no pé da televisão”. Sim, em parte tinha razão. Alimentava-me, de quebra, quando a merenda aparecia farta: bolacha de água e sal, recheado, pão, sucos de goiaba, de manga, ou leite com chocolate – é importante frisar, acontecimento raro e igualmente inesquecível.

Não perdia uma sessão da tevê Cultura: o Mundo da Lua, com Lucas Silva e Silva, ou um episódio do Jaspion, na Manchete. Éramos pirralhos perdidos no mundo da fantasia – isso quer dizer que havia dias em que mal dormíamos,

ansiosos, com a meta de acordar cedo, para, felizmente, assistir a um novo episódio e constatar a gloriosa vitória de Jaspion; e, sem entender, acreditávamos em algo grandioso em nossas vidas.

Passaram-se vinte e cinco anos que estamos juntos; água e óleo, mas juntos: uma data para se comemorar – quando esse temor passar.

“Nilce, vê se me erra!”. Falava por pura arenga, pelo gosto irresistível da troça; queria ver a cara dela de desdém: é única, impagável. Daí, pegava os seus braços, com as minhas mãos na altura de seus ombros, aplicava-lhe uma vigorosa sacudidela e, pronto, a mulher se recompunha, já prestes a chorar, como se a tivesse rejeitado. Esse era o ponto, e disso eu não fazia pouco-caso: ela não suportava rejeição, certamente um trauma de infância, depois que seu Luiz, amigo do velho João, deu no pé e nunca mais voltou.

O leitor pode se questionar sobre os pais de família de minha cidade. A única coisa que posso afirmar, ou comentar, é que viravam pó. Más línguas atribuíam a uma força sobrenatural; mas, sem muito esforço para presunções, digo que o fato se enquadra, perfeitamente, na mais legítima safadeza humana.

Sim, Nilce vomita todos os impropérios contra mim: lesado, besta, bobo. Deixo que o faça. Ela precisa extravasar comigo. Entra por um ouvido e sai pelo outro. Não posso mentir que, agora, essas palavras me pegaram em cheio – e pedi que aliviasse, porque percebi que não sou saco de

pancada, para aguentar indefinidamente porrada vinda de todo lado. Reconheço-me como um ser sensível, por mais que não queira demonstrar. É essa experiência vertiginosa, de passar longas horas só, dentro de casa, tem me subtraído a paz. Estamos, de uma forma ou de outra, conectados à teia da incerteza, do medo do amanhã.



Segundo ato do diário de um alucinado: após a singela apresentação, leitor, vamos aos dias de reclusão. 5º dia. Ouvi um burburinho ensurdecedor na rua: “Mulher, o governador vai mandar fechar tudo! Corre para pegar as comida, pra gente entocar!”; “Iiihhhhh, já vi esse filme. Caio nessa não, parceiro, isso é onda do PT, pra desestabilizar o país”; “Meu Deus, eu não tenho dinheiro nem pra comprar o pão, agora inventaram que eu tenho de comprar sabão!”.

E o buchicho prosseguia revirando os sentidos, bem no pé dos meus ouvidos, já moucos do entrançado de gente. Acreditar em quem? Fazer o quê? Tinha de trabalhar, seguir a vida. Continuava pensando alto, com o ser superior, dividindo minhas aflições com as paredes cinzentas de casa.

Nilce, para completar, estava apavorada. Recolheu os meninos em casa, “para não trazer coronga na bolsa da escola”. Antes do prefeito ditar, Nilce resolveu agir. Sempre antecipada. Uma vez certa, outras não. Parece que nesta teve razão.

Depois desse maldito corongavírus, minha saída se resume a ir à labuta no *drive thru* da empresa sanguessuga, que não vale a pena dizer o nome. Em suma, as minhas investidas metódicas: cinco vezes por semana, das oito às treze horas, ao *drive thru*; à mercearia do seu Jonas, praticamente depenada, poucas frutas e verduras, o oposto do que era nos melhores dias, porque as pessoas decidiram sufocar a vendinha, “sem previsão de reposição”, segundo o mesmo Jonas, amuado; e, finalmente, ao posto, para pegar os meus remédios de praxe.

No posto de saúde, que fica a cinco quadras de casa, espalharam várias barreiras de contenção, que não conseguia mais falar com a Neuzita e a Lurdes, duas amigas preciosas da comunidade; nem sei como estão, com esse furacão que passou. Joarez, o segurança bom de pança, com a barriga por acolá, na mesma proporção dos ouvidos finos de tuberculoso, escutava tudo, deus e o mundo, mais fuxiqueiro que Georgina, a velha vizinha, com Ph.D. em vida alheia. Pois Joarez me puxou no canto, pediu que não falasse a ninguém – deve ser a estratégia que usa com os demais; que sentia muito, mas que Neuzita estava mais “pra lá do que pra cá; morre-não-morre”. Essas foram as suas jeitosas palavras. Definitivamente, não foge à regra de pessoas agourentas. Não gostava de supor ser citado, a quem quer ou por que motivo fosse, pela sua boca de túmulo.

Voltei bagunçado, chutando pedras pelo caminho, depois da famigerada notícia. A lembrança que percorria:

Neuzita, a única a me chamar de filha (“Minha filha, precisa de algo?”). Claro que, pela idade, Neuzita estava despreocupada com os julgamentos e queria me ajudar a todo custo, mesmo sem a demandar – já fazia muito por mim. Não havia malícia, nem preconceito. E eu, baixinho, para ninguém reparar, morrendo de vergonha, dizia que me chamasse de filho, e dava-lhe um beijo na testa, repetindo o ritual: “Não; obrigado, meu amor. Mês que vem venho pegar mais um pouquinho desse cheiro”. Lascava-lhe um cheiro gostoso no cangote; sendo nordestina também, entendia minhas manhas.



Regressar à casa, olhar as paredes secas, que não dizem nada; andar em círculos, paralisar, sentar, mirar em volta; contemplar a rua vazia, voltar para os cômodos imóveis; os móveis profundos, insípidos, pouco-caso; roupas para lavar; roupas, mais fora que dentro do armário, das gavetas: vazias; poucas roupas; pouca vida.

Não me dava o mínimo prazer estar em casa. O sentimento era de me comparar àqueles camundongos de laboratório, que outro dia vi num documentário-denúncia no Nat Geo. Exatamente assim me impregnava o ar represado na casa, vicioso, esperando que alguma novidade – boa – pudesse me abraçar, nem que viesse de longe, numa carta, num sinal de fumaça: “Há vida, ainda!”. Esperava. Para,

inclusive, me livrar das armadilhas que me afixavam há tempos, no lugar da depressão, bem antes do coronga.



Terceiro ato que me catapultou da letargia: foi, talvez, no dia 9 que tia Lucinda me ligou, irmã de dona Eleutéria. Com a voz cansada, arrastada, muito diferente dos nossos tempos do interior, que a mulher saía aboletada num cavalo brabo, para cima e para baixo; alheia aos comentários maldosos, de que seria mulher macho, me confidenciou que estava para se ver de dor; e pesou na voz: “É dor da morte, João”.

Naturalmente, sendo o único sobrinho a lhe atender em seus quereres, ou quem sabe o mais querido, caí em prantos, porque, nas drásticas condições atuais, não tinha como sequer mandar um trocado – mês sim, mês não, depositava ao menos um dinheiro para a cesta básica, que ela, muito rigorosa, demorava a gastar.

E emendou, com as palavras certas que bem poderiam ser de mãe: “Olhe, seu caboclo danado, não demore a vir aqui, não, que eu parto e você não me vê!”. Essas palavras grossas não assentavam em nada com a descontinuidade e carência de ar; esvaíam-se a cada pronunciar. Deu-se, portanto, um peso desgraçado na consciência. Era minha segunda mãe, ou pai; no sentido de ocupar o lugar do pai que eu não tive.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Electra LT Std
para a Editora Penalux, e impresso em papel
off-white 80 g/m², em novembro de 2020.
